

Os gatos

Tragicomédia urbana em três actos com introdução, intermezzo e conclusão felinos, precedido de um prólogo e concluída por um epílogo

Cada actor interpreta uma personagem humana e uma personagem "felina" (Damião Aviz de Castro e Robert Allison são interpretados pelo mesmo actor). Os coros dos gatos "monarquistas" e "republicanos" podem ser interpretados por outros actores ou pelos mesmos actores principais (usando bonecos, por exemplo).

Personagens principais

(Cada actor interpreta uma personagem humana e felina)

<u>Humanos</u>	<u>Gatos</u>
Luís de Castro – o pai	O gato Camões ¹
Leonor Aviz – a mãe	A gata Dona Maria de Portugal ²
Ana Aviz de Castro – a filha	Corifeu do coro dos gatos republicanos
Damião Aviz de Castro – o filho / Robert Allison – o amigo do filho	Sua Majestade, o gato Dom Sebastião ³
André Telo – um vizinho	O gato do Restelo ⁴
Maria – uma vizinha	Corifeu do coro dos gatos monarchistas

Personagens secundárias

(interpretadas por membros dos coros ou pelos actores dos personagens principais)

O gato Guerra Junqueiro⁵
O gato Bandarra⁶
A gata Ana de Castro⁷

Coros

Coro de gatos Monarquistas
Coro de gatos Republicanos

(Autor da peça: **Igor Reinhardt**, ireinhardt@bluewin.ch / (00351) 931 957 379)

¹ Reincarnação felina do poeta Luís Vaz de Camões (1524 - 1580)

² Reincarnação felina da Infanta Dona Maria de Portugal (1521- 1577), filha dos Reis Dom Manuel I e Dona Leonor de Austria

³ Reincarnação felina de El-Rei Sebastião I, décimo sexto rei de Portugal (1574 – 1578)

⁴ Reincarnação felina do Velho do Restelo, personagem dos Lusíadas

⁵ Reincarnação felina do escritor e político Abílio Guerra Junqueiro (1850 – 1923):

⁶ Reincarnação de Gonçalo Annes Bandarra, poeta popular português (†1545 ou 1556)

⁷ Reincarnação felina da escritora, pedagoga e feminista Ana de Castro Osório (1872 – 1932)

Prólogo

Cena 1

Antes de começar o espectáculo, André Telo vai anunciar o teatro dos gatos em frente do palco, que se encontra ainda na sombra. Traz uma capa com capuz posto na cabeça que não deixa ver bem a sua cara.

André Telo O teatro dos gatos! Eis aqui, hoje e agora: o grande teatro dos gatos!
A entrada é livre, senhores e senhoras! A entrada!

O teatro dos gatos! Eis aqui, hoje e agora: o grande teatro dos
gatos!...

O André Telo repete as mesmas frases até o público estar sentado. Depois, entra o Damião no espaço do público.

Damião (*Chochichando*) Desculpe, senhor.

André Telo Faz favor?

Damião Não mora cá a família Aviz de Castro?

André Telo A família do Luís, o pescador?

Damião Exactamente.

André Telo Mora, mora.

Damião E o que está a fazer toda esta gente?

André Telo São o público. Vão assistir ao teatro dos gatos. (*Para o público*) O
teatro dos gatos! Eis aqui, hoje e agora: o grande teatro dos gatos! A
entrada é livre, senhoras e senhores!

Damião Senhor, com licença!

André Telo Diga?

Damião Onde é que estão todos?

André Telo Quem, todos?

Damião Pois, a minha gente: meu pai, minha mãe, a Ana?

André Telo Sei lá onde estão! E você, quem é ?

Damião Sou o Damião, o filho do Luís.

André Telo Mas o Damião vive no estrangeiro.

Damião Pois vivo. Vim ao Porto para visitar a família.

André Telo Ora essa, o Damião! O filho do Luís chegou por fim! Os seus pais
esperavam-no há muito tempo. Puseram tanta esperança no seu
regresso.

Damião Tinha pouco contacto com a família. Mas não me perdi no deserto
marroquino como o nosso Rei D. Sebastião.

André Telo Menos mal. Agora com licença, tenho que trabalhar.

Damião Ainda não respondeu à minha pergunta. Onde está a minha família?

André Telo Está em casa (*aponta para o palco*).

Damião Então vou lá ter com ela.

André Telo Sinto muito, mas não pode entrar no palco. Está proibido. Só podem entrar personagens da peça de teatro.

Damião E a minha família? Como entrou?

André Telo Ela actua na peça.

Damião Então dê-me um papel também. Não tem aí uma vaga no elenco?

André Telo Uma vaga? Sim, temos. Até calhou bem. Você poderia fazer o papel do Robert Allison, se quiser.

Damião O meu amigo Robert Allison?

André Telo Sim, pois. Há anos atrás, o seu amigo estrangeiro veio cá quando toda a gente estava a espera de si.

Damião Está bem. É mais fácil desempenhar o papel de alguém conhecido.

André Telo Não lance foguetes antes da festa. O personagem vai suscitar a ira de uma grande parte dos gatos durante a intriga.

Damião Quem são os gatos?

André Telo Os gatos somos nós.

Damião Eu não sou nenhum gato.

André Telo Os gatos somos nós depois de morrer. Ressuscitamos como gatos e andamos vagueando pelos telhados e casas abandonadas durante mais sete vidas. Por isso há cá muitos, inclusive personalidades de outros tempos como o nosso ilustre poeta Luís de Camões.

Damião Estou a perceber.

André Telo Já eram horas.

Damião (*Para o público*) O velho está todo choné! (*Para o André Telo*) Então, posso entrar na casa?

André Telo Pode. Mas tenha cuidado, o edifício está-se a desmoronar. Pode vir abaixo a qualquer momento.

Damião Mas a nossa casa tem bom aspecto! Muito melhor do que quando eu fui embora. Até parece recentemente renovada. (*Entra no palco*).

André Telo Você é o Robert Allison. Não saia do seu papel! (*Sai do espaço do público*)

Introdução felina

Cena 2

O palco representa o interior de uma casa. Está cheia de pilhas de livros, formando as bancadas da Assembleia felina. Uma pilha está reservada para a presidente da Assembleia, a gata Dona Maria de Portugal. Para além dessa, encontram-se o gato Camões e os dois gatos Corifeus na cena, assim como os coros dos gatos monarquistas e republicanos. É uma azáfama de gatos que vão e vêm, chochichando e ronronando.

A gata Dona Maria Senhores e Senhoras, façam favor, sentem-se! Façam favor, dirijam-se aos vossos lugares.

O gato Camões Dom Sebastião! Vossa Majestade aqui? Assim, vestido à paisana?

Robert Allison Sou o Robert Allison. Participo no espectáculo.

A gata Dona Maria Façam favor, senhores e senhoras. Sentem-se!

O gato Camões *(Para o Robert Allison)* Vossa Majestade tem razão, o espectáculo começa. Sentemo-nos.

Robert Allison Participo no teatro dos gatos.

O gato Camões *(rindo-se)* Vossa Majestade e o seu sentido de humor inconfundível. O teatro dos gatos! Qual gato! Com licença, Alteza. Estas reuniões do Parlamento tornam-se cada vez mais macacas.

A gata Dona Maria Silêncio, façam favor! Queremos começar.

O gato Camões Vossa Majestade não se arrependerá de ter vindo. O relatório da comissão de inquérito parlamentar vai ser apresentado hoje. Uma bomba, já verá.

A gata Dona Maria Obrigado. Senhores e senhoras, o serviço parlamentar confirma a presença de dois terços dos deputados. Por conseguinte, o Parlamento está habilitado a tomar decisões. Como Sua Majestade El-Rei Dom Sebastião ainda não chegou, e visto que estamos meia hora atrasados, proponho desculpar Sua Alteza e começar a sessão sem a presença de El-Rei.

O gato Camões *(Para a presidente)* Com licença, senhora Presidente.

A gata Dona Maria Que há?

O gato Camões Excelentíssima Presidente, colegas deputados, desculpai a interrupção, importuna de certo, mas necessária. Honra-me poder-vos anunciar que Sua Majestade, El-Rei Dom Sebastião, antigo Rei do Portugal e Imperador do nosso glorioso Quinto Império, acaba de...

Robert Allison *(para o gato Camões)* Cale-se! Sou Robert Allison.

O gato Camões Sua Majestade acaba de fazer-me chegar uma mensagem dizendo que podemos abrir a sessão sem Ele.

A gata Dona Maria Está bem. Não vejo porque tinha que me interromper por isto. De qualquer forma é preciso o Parlamento formalmente votar a proposta de dispensa de El-Rei. Podemos então passar à votação da proposta. Quem vota a favor?... A proposta fica aprovada por unanimidade. Com isto, declaro aberta a sessão deste Parlamento.

Um gato aproxima-se da gata Dona Maria e segreda-lhe algo à orelha.

O gato Camões *(Para o Robert Allison)* Peço-lhe desculpas, Alteza. Que estupidez. Deixei-me levar pelo patriotismo e não me dei conta logo que Vossa Majestade deseja assistir à sessão sem ser visto. Tem toda a razão em fazê-lo. Pois devo confessar-lhe que a luta entre os Monarquistas e os Republicanos tem-se agravado ultimamente. Sinto obrigação de informá-lo, visto que Sua Alteza raras vezes assiste às sessões do Parlamento.

Robert Allison Aqui estamos, ainda, numa Monarquia?

O gato Camões Felizmente, Alteza. O alvoroço dos Republicanos merece vigilância, mas também não nos deve inquietar em demasia. Há muitos oportunistas que apenas apoiam a causa republicana em aparência, com o fim de intimidar Vossa Majestade e de obter vantagens pessoais. Esta gente sabe muito bem que tem os seus cargos e os seus privilégios graças ao Quinto Império e à condescendência de Vossa Majestade.

Robert Allison O que é que querem os Republicanos?

O gato Camões Os Republicanos? Querem destituir-Vos, Alteza, para fazer cair o Quinto Império e devolver o direito à auto-determinação aos seres humanos. Não percebem que isso significaria o fim do nosso poder sobre as vidas humanas, Dom Sebastião. Só nos restaria então cantar com saudade a glória e a exuberância do bons tempos passados.

Robert Allison Tudo isso é absurdo!

O gato Camões Pois é.

A gata Dona Maria Senhores e senhoras. Foi-me entregue um pedido escrito propondo complementar a ordem do dia. A deputada Ana de Castro exige que a sua iniciativa seja debatida hoje. Estamos a falar da iniciativa relativa a restrição dos direitos constitucionais da Coroa.

Robert Allison *(para o gato Camões)* Quem é Ana de Castro?

O gato Camões Era uma política e escritora portuguesa. Escreveu o primeiro manifesto feminista português e iniciou a nossa literatura infantil. Lutou pela República em Portugal na passagem para o século XX.

Robert Allison E tem que recomeçar a sua luta desde o início aqui no Quinto Império.

O gato Camões Digamos que a continua. Ana de Castro nunca se cansou da política, contrariamente a outros escritores portugueses que também lutavam por uma sociedade mais justa naquela altura, mas que acabaram por se retirar da vida pública antes do tempo, declarando-se "vencidos da vida".

Robert Allison E porque é que?

O gatos Camões Não sei. Talvez não acreditassem que o povo estivesse realmente capaz de tomar o destino nas próprias mãos. Vejo que a política começa a despertar o Vosso interesse, Alteza.

A gata Dona Maria Passemos à votação do pedido da deputada De Castro. Quem vota a favor?...Quem vota contra?... O pedido está rejeitado.

Corifeu monarquista Viva El-Rei!

Gatos monarquistas Eternamente, eternamente!

Gatos republicanos *(assobios)*

Corifeu republicano Viva a República!

Gatos republicanos Temo-la em mente, temo-la em mente!

Corifeu monarquista A República? Boa serás, se morta estás.

Gatos monarquistas *(soltam uma gargalhada)*

Corifeu monarquista *(canta)* Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de guiar-te à vitória!

Gatos monarquistas *(cantam)* Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

A gata Dona Maria Silêncio, façam favor! *(para o Corifeu dos gatos republicanos)* Sinto-o, minha filha.

Robert Allison *(para o gato Camões)* E quem é que é a presidente da Assembleia?
A mãe da Ana de Castro?

O gato Camões Isso é o que parece. As duas são cúmplices na política. A Infanta Dona Maria de Portugal era filha de El-Rei Dom Manuel I e de Dona Leonor de Áustria. Estava prometida repetidas vezes aos tronos de França e de Espanha, mas as circunstâncias políticas fizeram com que afinal ficasse solteira.

Robert Allison Não chegou a ser Rainha em vida, mas acabou por presidir ao Parlamento felino.

O gato Camões Pois é. Na vida, em vez de ser Rainha, a nossa presidente tornou-se na primeira princesa sábia do Portugal. E na altura quando Vossa Majestade, seu sobrinho, ia recrutando o exército para ir conquistar África, a Infanta Dona Maria fez renascer à sua volta e das suas damas um esplendor cultural que inspirou os nossos maiores poetas. Inclusive o autor dos Lusíadas, que dedicou a sua obra principal a Vossa Alteza, Dom Sebastião!

Robert Allison O meu papel é o do Robert Allison.

A gata Dona Maria Silêncio, façam favor! Passemos ao primeiro e único ponto da ordem do dia: o caso do falso rei Robert Allison.

Gato monarquista 1 Os humanos tomam-no pelo seu rei. Um escândalo!

Gato monarquista 2 E isso no Porto, na capital do Quinto Império!

Gato monarquista 1 Lesa-Majestade!

Robert Allison *(para o gato Camões)* Acaso estão a falar de mim?

Gatos monarq. 1 + 2 Abaixo o embusteiro!

A gata Dona Maria Silêncio! Senhores e senhoras, não julguem antes de o inquérito ao caso terminar. A apresentação do relatório da comissão vai oferecer-vos um exame minucioso dos acontecimentos na Baixa e do papel que neles teve o Robert Allison. Não julguem precipitadamente. Ainda menos sobre pessoas ausentes que não se podem defender.

Robert Allison *(para o gato Camões)* O que é que fez o Robert Allison?

Gatos monarq. 1+2 Alta traição!

A gata Dona Maria Tenham calma, façam favor! Avancemos sem precipitação e escutemos primeiro os factos. O jovem estrangeiro tem direito à presunção de inocência.

O gato Camões *(para todos)* Isso é que sim! *(para o Robert Allison)* Com licença, Alteza. Estou convencido que o Robert Allison foi envolvido contra a sua vontade nessa história. De facto, acho que no fundo o assunto serve os interesses da Coroa.

Robert Allison Acha?

O gato Camões A apresentação do relatório mostrar-no-lo-á.

Robert Allison Que estou inocente?

O gato Camões Que a crença dos humanos num falso rei nos dá poder sobre eles. A despeito disso, permita-me recomendar-lhe, Alteza, que não exagere a identificação com o Robert Allison. Poderia tornar-se perigoso para Vossa Majestade.

A gata Dona Maria Peço então ao relator da comissão de inquérito que venha à tribuna apresentar o relatório. Faz favor, honrado velho do Restelo. *(Murmurinhos dos gatos)* Como? O deputado Restelo? Não está na sala?

Um gato republicano Saiu antes de começar a reunião para uma visita guiada ao Parlamento.

Robert Allison O velho do Restelo. Soa-me familiar.

O gato Camões Também a mim, Alteza. É o meu filho.

Um gato republicano Chegou o deputado Restelo.

Entra o velho gato do Restelo. Traz a capa como na cena 1, mas sem o capuz posto na cabeça.

cena 3

A gata Dona Maria Deputado Restelo, estamos à espera do seu relatório.

Robert Allison Ele é o seu filho? Parece mais velho de que você.

O gato Camões É o meu filho literário. Fiz aparecer o velho do Restelo nos Lusíadas, aquando da partida dos descobridores portugueses para a Índia. Ele advertiu-os de que ao procurarem a glória e a fama ao longe, descuidariam a protecção da casa e perderiam a Pátria. Um homem profético, pois pressentia a decadência do Império português no final do século dezasseis com cem anos de antecedência.

Robert Allison Então o senhor é...

O gato Camões Em pessoa, Alteza!

Robert Allison Luís de Camões! O autor dos Lusíadas. Desculpe não o ter reconhecido logo. Disseram-me à entrada que ele estava cá.

O gato Camões Sem problema, Alteza.

O gato Dona Maria Faz favor, deputado Restelo, a palavra é sua.

O gato Camões *(Para Robert Allison)* Isso vai ser interessante.

O gato Dona Maria Faça favor de respeitar o tempo da palavra: 30 minutos.

O gato do Restelo Excelentíssima Presidente, estimados senhores e senhoras, colegas deputados. Como relator da Comissão de inquérito tenho a honra e o prazer de poder apresentar-vos, agora, o relatório sobre o caso Robert Allison. Antes de vos explicar em detalhe como chegámos à situação bicuda actual do bairro, permitam-me antepor um preâmbulo poético aos factos. Ele talvez possa elucidar mais do que palavras racionais o fundo do problema e levar-nos a nossa própria responsabilidade.

O gato Camões *(Para Robert Allison)* Sob a presidência da Infanta Dona Maria, os deputados do Parlamento não podem deixar as digressões poéticas.

O gato do Restelo *(canta)* Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exprimentas!

(recita) Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!⁸

Durante a recitação do gato do Restelo os outros gatos transformam o palco num espaço de rua entre casas. O gato do Restelo volta a ser André Telo. (Robert Allison fica no seu lugar em frente de André Telo)

⁸ Luís de Camões: Os Lusíadas, canto IV, 95 / 96

Acto I

O palco representa um espaço de rua entre duas casas, à tarde. Na frontaria da casa à direita – paralelo à margem dianteira do palco – vê-se a montra de um alfarrabista com uma porta. Ao lado da montra há outra porta da casa. A casa à esquerda também tem uma porta e uma montra, mas esta está tapada com folhas de jornais ou cartões. A rua prolonga-se até ao fundo do palco e desaparece em volta duma casa para a esquerda. À frente, a rua desaparece em volta da casa à direita. (As didascálicas no texto referem-se a este arranjo, mas a encenação está livre de mudá-lo).

cena 4

Robert Allison dá uma moeda ao André Telo.

André Telo Deus lhe pague, jovem.

Robert Allison Diga-me, por favor. Não mora cá perto a família Aviz de Castro?

André Telo A família do Luís, o pescador?

Robert Allison Exactamente.

André Telo Mora, mora. E quem é você?

Robert Allison Sou um amigo do Damião, do filho.

André Telo O Damião, o Damião. Ele estuda no estrangeiro, não é?

Robert Allison Sim, na Inglaterra.

André Telo A Inglaterra é que é longe. Você estuda com o Damião?

Robert Allison Estávamos na mesma Universidade, mas em faculdades diferentes. Terminámos os estudos esta Primavera.

André Telo A família deve estar feliz que o Damião volte em breve.

Robert Allison Pode dizer-me onde ela mora?

André Telo Mesmo aqui. Lá vem a irmã, a Ana. Ela pode apresentar o senhor aos seus pais.

A Ana entra à esquerda no palco e sobe a estrada desde o fundo para a frente.

Cena 5

André Telo Ana, querida. Vocês têm visita. Da Inglaterra! (*sai para a frente, à direita*)

Ana Damião?

Robert Allison Sou Robert, um amigo do seu irmão.

Ana De longe e com esse casaco parece-se muito com o meu irmão.

Robert Pois é, ele tem um parecido.

Ana E onde está o Damião?

Robert Allison Na Inglaterra.

Ana Eu já pensava que tinham vindo juntos. É que estamos à espera dele.

Robert Allison O Damião ficou na Inglaterra, à procura de trabalho.

Ana À procura de trabalho? Mas ele ainda está a estudar.

Robert Allison Acaba de terminar os estudos. Acaso não o sabia?

Ana Pois não.

Robert Allison Licenciou-se esta Primavera. Em História, acho.

Ana Você é muito amigo do meu irmão?

Robert Allison Somos conhecidos. Integrávamos um grupo de teatro universitário.

Ana Se o Damião estiver à procura de trabalho, não vai regressar a casa este Verão. Ele disse-lhe algo?

Robert Allison Não me disse nada com respeito ao seu regresso ao Porto. Estou à procura duma pessoa cá no bairro e o Damião achava que o seu pai talvez pudesse ajudar-me a encontrá-la. Disse-me para dar cumprimentos à família, nada mais. Há algum problema?

Ana Não se preocupe, está tudo bem. Já vou apresentá-lo aos meus pais. Mas sentemo-nos antes um momento. Gosto tanto de ver a Baixa na luz do sol poente. O ambiente inspira-me alegria e faz-me esquecer as muitas casas que estão a ruir.

Robert Allison É certo. A luz acentua os contrastes da confusão de construções e de fachadas azulejadas. É um mar impressionante de formas e de cores que dão um aspecto irreal à cidade.

Ana Sim. Parece uma cidade brinquedo com casas de cartão.

Robert Allison No caminho pela Baixa parava muitas vezes para admirar os inúmeros e surpreendentes enfeites arquitectónicos. Sente-se a história a cada passo, como se fosse uma presença viva.

Ana Apesar disso, muitas casas estão abandonadas e estão-se a desmoronar. Está no Porto pela primeira vez?

Robert Allison Sim, cheguei hoje mesmo. Vê aquela escultura de granito lá em cima, na cornija? A cabeça de uma espécie de gato. Deve ser muito antiga.

Ana Muitas casas são enfeitadas com esculturas. Aquela que vê, com a cabeça de leão, pertence aos meus pais.

Robert Allison A sua família mora nessa casa?

Ana Não, vivemos em frente, em cima da loja. Essa casa não está em condições para ser habitada. Há muitos anos que não se faz nada para a sua manutenção. A casa era da minha avó materna. Até à sua morte alugavam-se quartos a viajantes. Desde então ficou desabitada. Os meus pais usam-na para depósito de livros.

Robert Allison A alfarrabista é dos seus pais?

Ana Sim, da minha mãe. Ajudo-a na loja. Ela queria que eu tomasse a responsabilidade do negócio no futuro. Mas eu não quero.

Robert Allison Não gosta deste trabalho?

Ana Sonho com outro projecto. Gostava de abrir uma livraria para crianças na casa da avó. Uma livraria que tenha também livros noutras línguas, para os turistas que vêm em família.

Robert Allison Que boa ideia!

Ana Acha?

Robert Allison Acho. O Porto é uma cidade para descobrir com crianças. Deve haver bastantes turistas que a visitam em família. Eu em todo o caso tinha gostado de percorrer estas ruas labirínticas enquanto menino.

Ana Os meus pais não gostam da ideia e não querem investir na renovação da casa da avó. Querem guardá-la livre para o meu irmão fazer ali um dia a sua morada e o seu escritório.

Robert Allison Percebo.

Ana Lá vem o meu pai. Os meus pais não devem saber que o meu irmão está a procura de trabalho na Inglaterra. Também não sabem que estudou História.

Robert Allison E porque é que não o sabem?

Ana O meu irmão há anos mudou de curso sem dizer nada aos pais. Devia estudar Direito Comercial Internacional. O meu pai tem muitas esperanças nele. A situação económica não está nada fácil em Portugal. Os meus pais esperam que o Damião volte quanto antes para fazer a sua vida aqui no Porto. Não sabem nem que mudou de curso, nem que está à procura de trabalho no estrangeiro.

Robert Allison E o que é que eu digo aos seus pais?

Ana A verdade. Mas pouco a pouco. Se souberem logo tudo, levarão um choque insuportável. Temos que dizer-lho no momento oportuno.

Robert Allison Não acha que isso é com o Damião? Talvez tenha razões para encobrir a sua vida no estrangeiro.

Entra Luís de Castro à esquerda no palco e sobe a estrada desde o fundo para a frente.

Cena 6

Ana Olá pai. Este é o Robert, um amigo do Damião.

Robert Allison Boa noite, Senhor De Castro.

Luís Boa noite. E onde é que está o Damião?

Ana Ó pai, o Damião ainda está na Inglaterra. O Robert conhece-o da Universidade.

Luís Você estuda com o meu filho?

Robert Allison Estávamos na mesma Universidade, mas em faculdades diferentes. Conhecemo-nos do teatro universitário.

Luís Teatro? O meu filho faz teatro?

Robert Allison Faz, faz. Como eu.

Luís E você está a visitar Portugal? O que é que já viu do nosso belo país?

Robert Allison Só o Porto. Cheguei hoje mesmo. Tenho férias longas e tenciono passar uma grande parte delas aqui no Porto.

Luís Faz bem, o Porto é muito bonito. Já foi visitar a Foz?

Ana O meu pai é pescador. Tem lá o seu barco. Mas você deveria era aproveitar as férias para visitar também outros lugares de Portugal.

Robert Allison Não estou somente a passar férias. Tenho de despachar algo no Porto.

Luís Negócios?

Robert Allison Se quiser, sim. Estou à procura de alguém.

Ana O Robert ficou encantado com o nosso centro histórico.

Robert Allison Sou arquitecto.

Luís Arquitecto? Aqui precisamos de arquitectos. Certamente já reparou no estado em que estão as casas na Baixa.

Ana O Robert não veio para trabalhar.

Luís Isso é que era difícil. Neste país é preciso ser jurista para avançar no plano profissional. O meu filho fez uma boa escolha dos estudos.

Ana Depois do pai ter teimado muito para o convencer.

Robert Allison Acha que seria fácil para o seu filho encontrar trabalho aqui?

Luís Fácil não. Mas com os seus estudos tem possibilidades. E eu vou fazer tudo para o apoiar. Lá, nessa casa atrás de você, arranharemos o seu apartamento e o seu escritório, quando terminar os estudos e voltar.

Robert Allison É uma casa bela, sublime. Gosto particularmente dos seus quartos de tectos altos e ricamente estucados.

Luís É do século dezanove. Você viu-a por dentro?

Robert Allison A Ana falou-me do projecto que tem para ela. Uma livraria especializada em literatura infantil.

Luís A Ana também vai ter a sua morada na casa.

Ana O pai sabe muito bem que eu não quero ficar a viver aqui mais tarde.

Luís Ó Ana! Algum dia ficarás contente que os teus pais tivessem pensado no futuro dos filhos.

Ana E porque é que não nos deixam realizar os nossos próprios planos para a vida, pai? Nem sabem se o Damião quer viver e trabalhar aqui.

Luís Aqui terá as condições para trabalhar por conta própria. Sempre é melhor do que procurar empregos mal pagos. Não acha, Robert?

Ana Ó pai! Como é que o Robert pode saber isto?

Robert Allison Talvez seja melhor para o Damião fazer primeiro algumas experiências profissionais como empregado, mesmo no estrangeiro. Quero dizer, nesta altura, logo depois dos estudos.

Luís De momento o meu filho ainda estuda.

Ana Não, pai. O Damião licenciou-se esta Primavera.

Luís Como sabes isto, filha? Quem te disse?

Ana O Robert.

Luís E porque é que o Damião não nos disse nada?

Robert Allison Talvez quisesse fazer-vos uma surpresa.

Luís O meu Damião terminou os estudos! O meu filho está licenciado! Licenciado em Direito Comercial Internacional!

Ana Ouça, pai.

Luís Vamos dar-lhe as boas vindas. Isso vai ser uma festa! Ele deve regressar em breve, com certeza ainda antes do dia de São João. Festejaremos com o padroeiro da cidade. Diga-me, Robert, o meu filho disse-lhe quando voltaria?

Ana O Damião não disse nada ao Robert.

Luís Se terminou os estudos, não pode tardar em voltar.

Robert Allison Depois dos estudos, sempre ficam assuntos administrativos para resolver.

Ana Bolas, já são sete? A mãe apagou a luz na loja.

Luís Ouçam, vamos fazer uma surpresa à mãe! O Robert ficará a jantar connosco. É ele quem lhe vai dar a boa nova.

A mãe sai da alfarrabista.

Cena 7

Luís Ó Leonor, este é o Robert.

Leonor Boa noite, Robert.

Robert Allison Boa noite, Senhora.

Luís O Robert vem do estrangeiro. É arquitecto e veio a Portugal para visitar o Porto.

Robert Allison E para despachar algo.

Leonor Então você tem muito para fazer aqui. Como pode ver, as nossas lindas casas estão-se a degradar. A gente não quer, ou mais ainda, não pode renová-las. Não há dinheiro.

Ana Também há gente que poderia renová-las mas que não quer, pois não, mãe?

Leonor De que estás a falar, filha?

Robert Allison Ouvei falar de um projecto muito interessante para uma casa desabitada.

Luís Leonor, o Robert tem uma notícia para ti. Uma surpresa.

Leonor Está bem! Mas posso ouvi-la dentro de casa? Está a ficar fresco.

Luís Sim, entremos. *(Para o Robert)* Diga, Robert, onde está a morar?

Robert Allison Num hotel perto da estação.

Luís Então ligue para lá e diga que já não precisa do quarto. Você está convidado a morar na nossa casa. Você ficará no Porto até ao regresso do meu filho, já sabe?

Robert Allison Sim, é possível. Mas não quero incomodar a sua família, Senhor de Castro.

Luís Não incomoda, Robert, é um prazer tê-lo como hóspede.

Leonor Entrem já. Fecho a loja.

Robert Allison, Luís e Ana entram em casa. Enquanto a mãe fecha as portas da alfarrabista, entra a Maria no palco e sobe a estrada desde o fundo esquerdo.

Cena 8

Maria Boa noite, Leonor.

Leonor Boa noite, Maria

Maria Voltou o filho?

Leonor Não, ainda não.

Maria Voltará em breve.

Leonor Sim, esperamo-lo para as férias de Verão.

Maria Deves estar contente de vê-lo em breve.

Leonor Claro que sim, Maria.

Maria Bem. *(Depois de um momento)* Estava cá um rapaz convosco.

Leonor Pois estava.

Maria Vestia um fato elegante. Estrangeiro?

Leonor *(Não responde)*

Maria Vi-o entrar para a tua casa.

Leonor Uma visita. Para o jantar.

Maria Alguém da família?

Leonor Acabo de conhecer o rapaz agora. Chama-se Robert.

Maria O João da hospedaria disse-me que o negócio está fraco nesta altura. Não tem hóspedes. Vocês agora alojam turistas?

Leonor Não. O estrangeiro é homem de negócios. Arquitecto e homem de negócios.

Maria Arquitecto e homem de negócios! Do estrangeiro! E o que é que ele quer cá no bairro?

Leonor Não sei. Parece que tem algo a despachar aqui.

Maria Mas o quê?

Leonor Por favor, Maria, não sei! Ele acaba de chegar.

Maria Ó Leonor, eu só estava a perguntar.

Leonor Parece que tem alguns projectos para casas velhas. Boa noite, Maria.

Maria Boa noite, Leonor.

Leonor entra em casa (sai). André Telo entra ao palco à direita.

Cena 9

Maria Ainda tarde no caminho, Senhor André?

André Telo Tarde no caminho e tarde na vida, Maria.

Maria Por favor, Senhor André! Ainda é novo. Quem me dera ter algum dia o vigor dos seus ossos.

André Telo O problema não são os ossos, mas a memória. A memória, Maria! Muitas histórias, muitas. Já não cabem novidades.

Maria Tenho cá uma novidade que seguramente ainda não sabe, Senhor André.

André Telo É?

Maria É, é, Senhor André!

André Telo Está bem.

Maria Uma das boas.

André Telo Então bota lá a história.

Maria Ouça, creio que regressou!

André Telo Quem é que regressou?

Maria O filho da família Alves.

André Telo Já estou a perceber. A velha história. E eu a pensar que o boato se tinha esfumado.

Maria Tem razão, Senhor André, a novidade caiu-me do céu.
(*Cochichando*) O rapaz ficou a jantar com a família de Luís, o pescador. Tornou-se um senhor distinto. E o que ouvi sobre ele coincide à risca com o que contou o José do café e a Fátima do cabeleireiro.

André Telo E o João da hospedaria e o Marco das ferragens?

Maria Parece mentira, não é, Senhor André?

André Telo Disparates, Maria! É preciso tirares essa história da tua cabeça e das cabeças de toda gente! Na altura quando os Alves tiveram o acidente e não houve parentes para se ocupar do menino, este foi entregue à Misericórdia e dado para adopção. Fui eu próprio a levar o rapaz - Rui, Rodrigo... não me lembro do seu nome -,...

Maria Roberto!

André Telo Fui eu próprio a levar o Roberto à Misericórdia, depois de tê-lo alojado alguns dias na minha casa.

Maria Exactamente! Depois veio uma família rica do estrangeiro e adoptou-o.

André Telo Ninguém sabe isto, Maria.

Maria Todos o sabem, Senhor André! Dizem que o António da Silva, o pai do José da peixaria – Deus o tenha na Sua Glória! – viu os estrangeiros quando vieram buscar o menino. Era um casal tão bonito! Vieram num daqueles grandes carros pretos, conduzido por um motorista fardado. Estavam namorados e radiantes de alegria. As jóias da mulher cintilavam na luz do sol. O homem...

André Telo Está bem, Maria, estou a ver. Ainda que fosse verdade que o menino foi levado para o estrangeiro naquela altura, não há nenhuma razão para crer que ele vai voltar ao bairro em adulto. E ainda menos para crer que vai investir na reabilitação das nossas casas.

Maria Dizem que todo o bairro amava e mimava o menino, com mais razão quando mortos os pais - Deus os tenha na Sua Glória! Agora, em adulto, quer devolver-nos um pouco do amor recebido.

André Telo Se a gente o tivesse amado tanto, porquê é que não se encontrou ninguém para o adoptar?

Maria
Foram tempos difíceis. A gente já tinha que lutar para poder alimentar os seus próprios filhos. O rapaz estava em boas mãos na Misericórdia.

André Telo
O que explica porque o menino apareceu sobre a porta dela ao Manuel da adega, não é?

Maria
Um milagre! O menino - o Robert - falou para o Manuel e anunciou o seu regresso.

André Telo
O Manuel estava bêbedo quando viu a aparição.

Maria
É certo, o coitado mete-se cada vez mais na pinga desde que a sua mulher o abandonou, levando o filho. Mas depois o menino apareceu também ao José do café e à Fátima do cabeleireiro. E o Padre António diz que se trata dum sinal de esperança.

André Telo
O Padre António continuaria a ver sinais de esperança, mesmo que estivesse no fundo do Douro.

Maria
Embora você não creia nos sinais do Céu - Deus proteja a sua alma - não pode negar que o Fernando da Costa recebeu há poucos dias dum investidor estrangeiro uma fortuna pela venda da sua casa. Estamos a falar dum casa velha e quase a ruir.

André Telo
Isto até agora é só um boato. E se for verdade, há uma explicação simples: a casa do Fernando encontra-se numa situação ótima, ao pé da estação e da praça dos Aliados. Ali fazem-se fortunas com imóveis. Mas por aqui não virá nenhum promotor para fazer negócios milionários com projectos para casas velhas. Temos que tomar os nossos destinos nas próprias mãos.

Maria
Vê! Foi isto mesmo o que me disse a Leonor: o seu hóspede é arquitecto e homem de negócios e tem projectos para casas velhas. Por que razão um senhor estrangeiro tão distinto honra uma família modesta do nosso bairro com a sua visita, e isto só duas semanas depois de o menino ter aparecido ao Manuel sobre a entrada da Misericórdia? Isto não acontece por acaso. O Padre António tem razão em falar de esperança.

André Telo
Uma esperança para as calendas gregas!

Maria
Saber esperar é uma grande virtude, Senhor André. Boa noite, Senhor André. (*Desce a rua até ao fundo e sai à esquerda*)

André Telo
Boa noite, Maria.
(recita) Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digno de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome proeminente
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias⁹?

(Para o público) Excelentíssima Presidente, estimados senhores e senhoras, colegas deputados. Acabamos de ver como o estrangeiro Robert Allison chegou há três semanas à Baixa Portuense e a casa da família Aviz de Castro. A seguir, vamos ver como se apresenta a situação da família e do bairro agora, nestes últimos dias.

(Desce a rua até ao fundo e sai à esquerda)

⁹ Luís de Camões: Os Lusíadas, Canto IV, 96 / 97

Acto II

O mesmo cenário como no acto primeiro, de manhã. As portas da montra da alfarrabista estão de novo abertas.

Cena 10

Ana e Robert saem da casa à direita.

- Robert Allison Bom dia, Ana. Até logo!
- Ana Espera, Robert! Tenho que falar contigo. Só uns momentos, por favor.
- Robert Allison Está bem, não tenho pressa. Podemos falar.
- Ana Robert, isso não pode continuar assim.
- Robert Allison O que é que não pode continuar assim?
- Ana O Teatro. A ilusão dos meus pais.
- Robert Allison Não vejo nenhum teatro.
- Ana Estás mesmo no meio! Ó Robert, acaso não estás a ver que esperanças alimentaste aos meus pais?
- Robert Allison Isso não é culpa minha. Desde há dias que me empenho em esmorecer o entusiasmo dos teus pais. Mas o que queres que lhes diga, eles sempre acabam por ouvir o que querem ouvir. E completam-no com a sua fantasia.
- Ana Eu Sei. Mas foste tu a inventar o projecto profissional comum com o meu irmão.
- Robert Allison Não, isto não é correcto. Só disse aos teus pais que conheci o Damião no teatro universitário e que tínhamos falado da ideia de um projecto comum, o que é certo. Era ligado ao teatro. Os teus pais tornaram isto num projecto profissional comum.
- Ana Claro, porque disseste que foi por isto que o Damião ficou mais algum tempo na Inglaterra, enquanto tu vieste para o Porto.
- Robert Allison Só quis dar a entender aos teus pais que o Damião talvez fique a viver e a trabalhar no estrangeiro.
- Ana E conseguiste o contrário. O meu pai pensa agora que todos os seus sonhos para o futuro do filho estão a realizar-se e só pensa nos preparativos. Isto vai terminar mal.
- Robert Allison Ó Ana, estás a exagerar!
- Ana Exagerar? Viste o carro novo do meu pai?
- Robert Allison Sim.
- Ana Comprou-o para o Damião, pago em prestações.

Robert Allison Não sabia. Mas o que posso fazer?

Ana Dizer a verdade aos meus pais. Dizer-lhes que o Damião não fez os estudos que pensavam e que ficou na Inglaterra a trabalhar.

Robert Allison E porquê eu ? Porque não dizes tu?

Ana Porque não acreditariam em mim. O meu pai pensaria que apenas estava a levar a água ao meu moinho.

Robert Allison Não percebo.

Ana Se os meus pais compreendessem que o Damião não regressará nos próximos anos, já não teriam razão para guardar a casa da avó livre para ele. Ficaria então para o meu projecto.

Robert Allison A livraria para crianças.

Ana Sim.

Robert Allison Estou a perceber.

Ana Então porque é que não ages? Fala com os meus pais e diz-lhes a verdade!

Robert Allison Gostava, Ana. Mas não posso. Nesta altura não posso.

Ana Quanto mais esperas, tanto pior, Robert.

Robert Allison Ouve, Ana. Como já te disse, estou à procura de alguém aqui no bairro.

Ana Sim. À procura de um homem que tivesse viajado muito nos mares, um pescador, navegador ou conquistador.

Robert Allison Correcto.

Ana Quando perguntaste ao meu pai pelos moradores do bairro que tivessem viajado, ainda confirmaste a crença dele de que, supostamente, irias estabelecer um negócio internacional com o seu filho.

Robert Allison Sinto muito, Ana. Não era minha intenção alimentar esperanças vãs. O homem que procuro é o meu pai.

Ana O teu pai?

Robert Allison Sim.

Ana Ele vive cá no bairro?

Robert Allison Não sei, mas suponho-o. Pois não conheço o meu pai. A minha mãe veio ao Porto numa viagem de estudos há vinte e cinco anos. Viveu neste bairro algumas semanas e passou uma noite com um desconhecido. Naquela altura, era uma mulher jovem e alegre, gostava da vida. Nunca procurou o meu pai e criou-me só. Foi apenas em adulto que ela me confessou que o meu pai era um homem da Baixa Portuense do qual nem sequer sabia o nome. Vim ao Porto porque quero encontrar o meu pai.

Ana E como pensas encontrá-lo, sem saber o seu nome?

Robert Allison Interrogar as pessoas. Escutá-las.

Ana É o que estás a fazer, dia após dia, desde que chegaste.

Robert Allison Pois é. Mas não consegui nada.

Ana Conseguiste chamar a atenção dos moradores e despertar esperanças vãs. Verás que os vizinhos não tardarão em convidar-te a ir a sua casa. Pois muitos invejam-nos por alojar um estrangeiro tão "distinto".

Robert Allison Pois, a gente é hospitaleira e curiosa por conhecer estrangeiros.

Ana Sim, mas no teu caso a curiosidade vai mais longe. Parece que os moradores vêem em ti um filho pródigo do bairro. Corre o beato que foste dado para adopção a estrangeiros quando menino, que te tornaste rico e que voltaste para investir no bairro, para ajudar-nos. Os teus passeios e interrogatórios contribuíram para essa crença das pessoas, sem falar da mania dos segredos dos meus pais e das suas alusões aos teus "importantes" projectos no bairro.

Robert Allison Vês, Ana, é mesmo pela atenção que recebo que não posso confessar a verdade aos teus pais, nesta altura.

Ana Não percebo.

Robert Allison Espero que o barulho chame a atenção do meu pai e o faça vir até mim.

Ana Isto não impede de dizer a verdade aos meus pais.

Robert Allison Impede, sim! Se os teus pais deixarem de alimentar o boato do "filho pródigo" com os seus preparativos para o regresso do Damião e a sua mania dos segredos, o teatro acabaria logo.

Ana Tu só pensas em ti, Robert.

Robert Allison Por favor, Ana, não me leves a mal. Fui envolvido nesta situação sem querer. Se eu revelasse agora a verdade, o teu pai matar-me-ia de raiva. E os moradores estariam tão zangados comigo que perderia qualquer hipótese de encontrar o meu pai.

Ana O que tencionas fazer então?

Robert Allison Procurar o meu pai. Quando o encontrar, podemos dizer logo tudo aos teus pais.

Ana E como queres reconhecer o teu pai, caso ele realmente repare em ti? Ele nem sabe que tem um filho, pois não?

Robert Allison Não o sabe. Mas há esta melodia.

Ana Uma melodia?

Robert Allison Naquela noite de amor, o meu pai cantou uma canção para a minha mãe. Era um poema com uma melodia particular. A minha mãe não se lembra da letra, apenas sabe que falava do mar e da navegação. Ela costumava cantar a melodia para mim quando era pequeno.

Ana E agora esperas esbarrar, num dos teus passeios, com uma pessoa que conheça a canção.

Robert Allison Isso mesmo.

Ana Pode haver várias pessoas no bairro que a conheçam.

Robert Allison O meu pai disse à minha mãe ter aprendido a canção no mar. Não é provável que haja outras pessoas por aqui que a conheçam. A não ser que alguém a aprendesse do meu pai. Então dizia-mo.

Ana Lá vem o André Telo. O senhor a quem perguntaste pela nossa casa quando chegaste.

Robert Allison Ah, sim. Espero que não me leves a mal tê-lo confundido com um mendigo naquela altura.

Ana Foi?

Robert Allison Ele recitava um poema e eu dei-lhe uma moeda.

Ana O senhor André gosta muito de poesia, é o trovador do bairro. Mas não é pobre. A casa onde estão a terminar as obras de reabilitação, em frente do cabeleireiro, é dele.

Robert Allison Ainda bem que haja proprietários que consigam reabilitar as suas casas.

Ana O Senhor André começou a renovar e a transformar a casa logo depois da morte da sua esposa, no inverno passado. Há um grupo de jovens Portuenses que vão instalar uma hospedaria nos pisos superiores da casa. O senhor André ficará só com um apartamento no rés-do-chão. Deste modo conseguiu financiar as obras. Mas ele não gosta de falar nisso.

Robert Allison E porquê?

Ana O senhor André tem uma filha da minha idade que acaba de sair da casa para viver com o namorado, pois trabalha numa empresa em Gaia.

Robert Allison Calhou bem, visto que o pai ficará com um apartamento em vez da casa inteira.

Ana Calhou, sim. Mas corre o boato que o senhor André tem uma namorada e que pôs a filha na rua para estar mais à vontade com a namorada no seu novo apartamento.

Robert Allison Mas a filha é adulta, trabalha e está independente. Se realmente a tivesse posto na rua, até tinha uma razão válida.

Ana Válida talvez, mas inconfessável de certeza.

Entram o André Telo e a Maria à esquerda e sobem a rua deste o fundo do palco.

Cena 11

Ana Bom dia Senhor André, Bom dia Senhora Maria.

André Telo Bom dia, jovens.

Robert Allison Bom dia.

Maria Então, Senhor Roberto, está a gozar a vida no nosso bairro?

Robert Allison Estou, estou. Fui bem acolhido pela família da Ana e pelos moradores.

Maria Você traz-nos alegria, Senhor Roberto. *(Para a Ana)* O teu pai comprou um carro novo?

Ana É para o meu irmão. Um presente quando voltar.

Maria *(Para Robert Allison)* Um presente divino, pois não, Senhor Roberto?

Robert Allison *(Para a Maria)* Sim, é um modelo bonito. *(Para todos)* Vou indo, quero visitar a casa do Infante Dom Henrique. Bom dia a todos!

Ana Eu também tenho que ir, a minha mãe está à minha espera na loja.

Maria *(Chamando Robert Allison à parte)* Venha, vou mostrar-lhe o caminho para a casa do Infante.

Robert Allison Obrigado, mas não é preciso. Conheço o caminho.

Maria *(Á socapa para o Robert Allison)* Senhor Roberto, seria um prazer para mim e para o meu marido convidá-lo a jantar em casa. O que vai fazer esta noite?

Robert Allison Eu? Não tenho nada previsto.

Maria Então fica combinado: esperamo-lo em casa às oito. Moramos ali ao virar da esquina, na casa de azulejos verdes. Até mais logo! *(Desce a rua até ao fundo e sai à esquerda)*

Ana Até logo, Robert! Bom dia, Senhor André! *(Entra à alfarrabista)*

André Telo Você interessa-se pelas conquistas marítimas dos Portugueses no Renascimento?

Robert Allison Sim, e pelos navegadores.

André Telo Uma profissão perigosa.

Robert Allison Uma profissão para gentes valentes que fizeram chegar longe Portugal!

André Telo Sim, para o país se atrasar tanto, depois.

(recita) Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!

Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

(*canta*) Oh, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!¹⁰

Enquanto André Telo recita e canta, o cenário é transformado de novo no espaço interior da casa, como se apresentava na introdução felina.

¹⁰Luis de Camões: Os Lusíadas, Canto IV, 101 / 102

Intermezzo felino

Cena 12

- O gato do Restelo Excelentíssima Presidente, estimados senhores e senhoras, colegas deputados, com isto termino a apresentação do relatório da comissão de inquérito sobre o caso do falso rei Robert Allison - ou a questão inglesa, como também chegou a ser chamado o assunto por alguns membros da comissão - .
- A gata Dona Maria Muito Obrigado, honrado deputado Restelo. Quero agora abrir a discussão e convido, para isso, os excelentíssimos deputados a dar o seu parecer sobre o que acabamos de ouvir. Mas antes, permitam-me que exprima as minhas reflexões sobre o caso com um poema que me foi dedicado em vida por um grande poeta.
- O gato Camões E grande admirador! (*para o Robert Allison*) O poeta fui eu, Alteza.
- A gata Dona Maria Perdigão, que o pensamento
Subiu a um alto lugar
Perde a pena de voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha:
Não ha mal que lhe não venha.
- Gatos republicanos (*Juntando-se à recitação da gata Dona Maria*)

Quis voar a uma alta torre,
Mas achou-se desasado,
E vendo-se depenado
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não há mal que lhe não venha.
- O gato Camões (*para o Robert Allison*) Na altura fiz alusão a um galanteio frustrado. Mas, de facto, o poema aplica-se também à situação actual no bairro.
- A gata Dona Maria Excelentíssimos deputados deste honrado Parlamento, peço-vos que discutam a questão inglesa - o problema do falso rei Robert Allison - com serenidade. É preciso darmos um desfecho jeitoso à esta história, senão os moradores da Baixa cairão no chão depenados como o nosso coitado perdigão: penados por amor desenganado.
- O gato Camões E isso magoa, senhoras e senhores, isso magoa!
- A gata Dona Maria Está bem, deputado Camões. Enfiadas as carapuças, proponho que passemos à discussão, respeitando a ordem de inscrição dos oradores. Faz favor, deputado Bandarra, a palavra é sua.
- O gato Camões (*para o Robert Allison*) Um orador talentoso, embora os seus discursos sejam enigmáticos e difíceis de compreender.

Robert Allison	O que defende?
O gato Camões	Isto depende, desde há quinhentos anos, do oportunismo político e do ponto de vista dos seus ouvintes.
O gato Bandarra	O Rei novo é escolhido, E elegido, Já alevanta a bandeira Contra a Grifa parideira Que tais pastos tem comido. ¹¹
Corifeu monarquista	Viva EI-Rei
Gatos monarquistas	Eternamente, Eternamente!
Um gato republicano	Vocês estão a aclamar um falso rei!
Corifeu monarquista	O rei é falso, mas a crença dos moradores é verdadeira e levá-los-á longe!
A gata Dona Maria	Silêncio! Respeitem o orador, façam favor. Deixem-no terminar.
O gato Bandarra	Não acho ser detéudo O agudo, Sendo ele instrumento, Não acho, segundo sento O excelente Ser falso no seu Escudo ¹² .
Corifeu monarquista	Vistes? O sábio di-lo também!
O gato Bandarra	Mas acho, que o Lanudo Mui sezudo, Que arrepeará o gato, E far-lhe-á murar o rato, De seu fato Deixando-o todo desnudo.
Corifeu republicano	Isso! O falso rei deixará todos pobres e desnudos!
Corifeu monarquista	Qualquer que seja o objecto da sua crença, é a fé que ressuscitará o povo humano!
Robert Allison	(<i>Para o gato Camões</i>) Para mim, o Bandarra fala chinês.
Gatos monarquistas	(<i>cantam</i>) Heróis do mar, nobre povo, Nação valente, imortal, Levantai hoje de novo O esplendor de Portugal! Entre as brumas da memória, Ó Pátria sente-se a voz Dos teus egrégios avós, Que há-de guiar-te à vitória!

¹¹ Gonçalo Annes Bandarra (†1545 ou 1556) : "Profecias" do Bandarra; Sonho segundo, verso C

¹² Ibidem Sonho primeiro, verso LXXXIX

- A gata Dona Maria Silêncio, façam favor! (*Para o gato Bandarra*) Terminou? Obrigado, deputado Bandarra. A palavra é agora da deputada Ana de Castro. Faz favor, deputada de Castro.
- A gata Ana de Castro Senhoras e senhores, sabeis porventura o que é ser português?
- Todos os gatos Oh!
- A gata Ana de Castro Sabeis o que é ser português, vós que falais a língua que tem todas as energias do mar bravo e todas as doçuras dum poente entre pinhais rumorejantes?
- Todos os gatos Sabemo-lo!
- A gata Ana de Castro Sabeis o que é ser português, vós que recebeis a dulcida carícia dum céu límpido, que passeais os vossos olhos sobre as águas movediças que levaram os nossos antepassados à aventura gloriosa de descobrir novos caminhos e novos mundos maravilhosos?
- Todos os gatos Sabemo-lo!
- A gata Ana de Castro Essas águas que trouxeram, em paga de tanto esforço e tanta heroicidade, o ouro, as pedrarias, a riqueza que deslumbrou o mundo e – ai de nós! – pela vaidade nos perdeu?
- Todos os gatos Oh!
- A gata Ana de Castro Pesa-me dizer-vos que, salvo algumas excepções, não o sabeis. Se vós não o sabeis, pouca ou nenhuma culpa tendes, que de bem longe vem o mal que nos está ligando como cadáver embalsamado pronto a entrar para o túmulo histórico das nações que só vivem do passado¹³
- Fomos há quatro séculos um punhado de aventureiros que realizou a maior aventura que jamais se havia visto, e imaginamos que tudo será perdoado a quem tanto fez e a quem tão maravilhosamente o soube cantar.
- O gato Camões Obrigado, Ana!
- A gata Ana de Castro Mas os tempos são outros, as necessidades muito outras, e a vida já não leva a descobrir caminhos por mares nunca dantes navegados. Não nos deixemos embalar com o sonho do passado; pensemos no futuro, que é o trabalho e a educação¹⁴.
- Permitam-me terminar com um apelo poético do nosso colega e grande poeta Antero de Quental.
- O gatos Camões (*Para Robert Allison*) Antero de Quental, uma figura trágica. Depois de liderar a revolta cultural nos anos setenta do século XIX deixou-se vencer pela vida. Foi o suicídio que o trouxe aqui ao mundo felino.

¹³ Ana de Castro Osório: *As mulheres portuguesas* (edição 1905); p. 72 - 74

¹⁴ *Ibidem*, p. 53

- A gata Ana de Castro *(Recita)* Conquista pois sozinho o teu futuro,
 Já que os celestes guias te hão deixado
 Sobre uma terra ignota abandonado,
 Homem - proscrito rei - mendigo escuro!
- Se não tens que esperar do Céu (tão puro,
 Mas tão cruel!) e o coração magoado
 Sentes já de ilusões desenganado,
 das ilusões do antigo amor perjuro;
- Gatos republicanos Ergue-te, então, na majestade estóica
 Duma vontade solitária e altiva,
 Num esforço supremo de alma heróica!
- Faz um templo dos muros da cadeia,
 Prendendo a imensidade eterna e viva
 No círculo de luz da tua Ideia!¹⁵
- A gata Dona Maria Obrigada, deputada de Castro. O orador seguinte é o deputado Abílio
 Guerra Junqueiro. Faz favor, a palavra é sua.
- O gato G. Junqueira Senhores e senhoras, estamos a assistir a um confronto ideológico
 que não nos faz avançar. A Baixa Portuense, património cultural da
 humanidade, está-se a desmoronar. Não podemos perder mais
 tempo em guerras partidárias, devemos é agir!
- (Recita)* Claustros, abóbodas, arcadas,
 Muros batidos do tufão,
 Campas partidas e violadas,
 Crânios de reis, poeiras d'ossadas,
 Tudo no chão!
- Todos os gatos No chão rosáceas e cruzeiros,
 Grimpas, zimbórios, campanis...
 Em tumbas negras de mosteiros,
 Onde dormiram cavaleiros,
 Santas e heróis, dormem réptis!
- O gato G. Junqueiro Montões de estátuas em pedaços,
 Torres, castelos, catedrais,
 Templos sem Deus, cruces sem braços,
 São estreitados por abraços
 De matagais!
- Todos os gatos A alma das pedras sacrossantas,
 Chorando à noite, faz horror!...
 Quem é que escuta as vozes santas?
 Os homens não... talvez as plantas
 Sintam melhor aquela dor!...

¹⁵ Antero de Quental (1842 – 1891): A Ideia, soneto IV (em: Sonetos completos)

- Talvez os ninhos e as verduras,
Talvez as águas mais os ventos
Ouçam melhor que as criaturas
As vozes trágicas, escuras,
Dos monumentos!¹⁶
- A gata Dona Maria Agradeço ao deputado Guerra Junqueiro e a todos os presentes por fazer-nos voltar ao nó do assunto. A palavra é agora do deputado Luís de Camões. Faz favor, deputado Camões.
- O gato Camões Obrigada, princesa. Já que estamos no nó do assunto, escuso-me de digressões poéticas...
- Um gato monarquista Que pena!
- O gato Camões ...para ir directo ao assunto e propor um desfecho concreto para o caso Robert Allison.
- Um gato republicano Bravo! Não se esperava menos do pai da nossa poesia!
- O gato Camões Obrigado. Passei grande parte da minha vida humana peregrinando pelos mares. Numa dessas viagens, tive a oportunidade de ver os raros gatos-de-algália, oriundos de África. Estes gatos produzem, numa cavidade abaixo do cóccix, uma matéria gordurosa, o famoso almíscar do gato-de-algália, muito apreciado no Renascimento pelos seres humanos como perfume.
- Um gato monarquista O que tem a África que ver com a questão inglesa?
- Um gato republicano O excelentíssimo disse que se escusava de digressões!
- O gato Camões Estimados colegas, tirando a parte das diferenças ideológicas, acho que estamos todos de acordo que é preciso acabar a comédia do falso rei entre os humanos da Baixa.
- Todos os gatos (*Murmurinhos de consentimento*)
- O gato Camões E para isso temos que fazer com que o Robert Allison encontre o seu pai.
- Todos os gatos (*Murmurinhos de consentimento*)
- Um gato monarquista Sim, mas como?
- Outro g. monarquista Nós também não sabemos quem é o pai do rapaz!
- Um gato republicano Como é que quer encontrá-lo?
- O gato Camões Justamente com a ajuda de um gato-de-algália! De uma gata-de-algália, para ser mais preciso.
- Todos os gatos Oh!

¹⁶ Abílio Guerra Junqueiro (1850 – 1923): Finis Patriae (IX: Falam os monumentos arrasados)

O gato Camões A mãe do Robert Allison costumava usar o amíscar do gato-de-
algália como perfume na altura do seu namoro na Baixa. Se o pai
ainda viver no bairro e sentir o perfume, de certo que reagirá e se
descobrirá!

Um gato monarquista O excelentíssimo senhor Camões acaso nos está a dizer que a
solução para a questão inglesa se encontra abaixo do cóccix de uma
gata africana?

O gato Camões Exactamente. E calhou que se encontra nestes dias uma gata-de-
algália muito minha amiga aqui no Porto.

A gata Dona Maria Calhou, Cavaleiro?

O gato Camões Se eu a pedir, ela vai intervir na história espalhando o seu perfume
na Baixa. Já falei com ela.

Um gato republicano *(Após um silêncio prolongado)* Bravo! *(aplaude)*

Um gato monarquista Brilhante! *(aplaude)*

Todos os gatos *Juntam-se ao aplauso.*

Acto III

Mesmo cenário como nos actos I e II, no fim da manhã. As portas da montra da alfarrabista estão fechadas.

Cena 13

Ana está diante da alfarrabista. Robert Allison entra à esquerda e sobe a rua para à frente. Veste um vestido de mulher e tem uma tiara posta na cabeça.

Ana Robert! O que se passou contigo?

Robert Allison É domingo. A gente veste-se.

Ana Para o carnaval ainda falta muito tempo. Mas assim vestido passas definitivamente por El-Rei do bairro.

Robert Allison Essa não é a minha intenção. Trata-se antes de uma última tentativa.

Ana De mostrar aos moradores o ridículo da sua adulação por ti?

Robert Allison Não, de encontrar o meu pai.

Ana Oh! Não vai tomar-te pela sua filha?

Robert Allison É um vestido da minha mãe.

Ana É lindo, embora hoje em dia esteja algo passado de moda.

Robert Allison A minha mãe vestia-o quando encontrou o meu pai.

Ana Já compreendo! Esperas chamar a atenção do teu pai.

Robert Allison Se ele me vir com o vestido, de certeza se recordará da minha mãe e reagirá.

Ana Se deixares cair a máscara as pessoas ajudar-te-ão a encontrar o teu pai depressa.

Robert Allison Ana, já sabes que é tarde para isto. A história avançou demais.

Ana Sim, tu levaste-a adiante demais.

Robert Allison Os teus pais e os moradores vêm em mim o que querem ver. Mas não te preocupes, Ana. Se não encontrar o meu pai nos próximos dias, abandono a procura, pois é provável que ele já não more no bairro.

Ana Não queres mudar de roupa? Os meus pais devem chegar em breve.

Robert Allison Sim, vi-os na missa.

Ana Foste à missa?! Assim vestido?!

Robert Allison Havia lá muita gente. Uma boa oportunidade para ser visto.

Ana Por amor de Deus! O que deve estar a pensar a gente? E o Padre António?

Robert Allison Nada. O Padre falava da esperança. (*Entrando na casa da família*).
Vou mudar de roupa. Até já! (*Sai*)

Os pais da Ana entram à esquerda e sobem a rua para a frente.

Cena 14

Leonor Ah, estás aqui, Ana! Dormiste bem?

Ana Sim.

Luís O Padre António ficava contente de te ver mais vezes na igreja.

Ana Não curto ir à missa.

Luís Se cada um fizesse o que queria, estava o mundo perdido.

Ana Ao contrário, vê-lo-ia eu melhor.

Luís Não sejas insolente!

Leonor Deixa-a, Luís. Cada um deve viver a sua fé como julgar melhor.

Luís Olha para o Robert, Ana! Ele vai à missa todos os domingos.

Ana E enfeita-se para lá ir como um autêntico pavão.

Leonor Ele já voltou, filha?

Ana Acaba de entrar em casa.

Leonor Que giro está com o seu traje, pois não, Ana? Dá-lhe algo de fofo, um não sei quê de feminino.

Ana E algo de esquisito.

Luís Nada disso! Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. No estrangeiro as pessoas também achariam esquisito as nossos capas pretas com as fitas de cor.

Leonor Estou a imaginar o nosso Damião com o traje académico do Robert. Gostava tanto de tê-lo visto na cerimónia de fim de curso, na Inglaterra!

Luís Deve ter sido parecido ao Robert.

Ana Acho que o Damião poderia finalmente dizer-nos quando voltará. Já chega ter escondido que terminou o curso.

Luís Quer fazer-nos uma surpresa, Ana. É pena o Robert já nos ter revelado tudo.

Ana E se fizéssemos de conta que não sabíamos nada?

Robert Allison sai da casa sem o vestido da mãe e sem a tiara.

Cena 15

Ana Olá, senhor estudante! Onde deixaste o teu traje?

Robert Allison Só o vesti para ir à missa. No nosso país é costume vestir o traje académico em ocasiões especiais, no primeiro ano depois de se licenciarem.

Luís Aqui também se faz.

Leonor Ah, sim? Não sabia.

Ana Os meus pais acham que o traje te dá um não sei quê de feminino, Robert.

Luís Foi a mãe quem disse isto.

Leonor O traje lembra-me realmente uma mulher. Era uma inquilina da minha mãe quando meu pai já tinha morrido. Foi a última inquilina da casa.

Ana Antes de a deixar ao abandono.

Leonor Antes de a minha mãe morrer – Deus a tenha na Sua Glória – e de começarmos a usar a casa para depósito de livros.

Ana E essa mulher vestia o mesmo traje? E a mesma tiara?

Leonor O vestido era parecido, a tiara, não sei. É sobretudo a elegância do Robert, vestindo o traje em si, que me recorda a mulher.

Robert Allison Oh, obrigado, Leonor!

Ana E quem é que era a senhora?

Leonor Uma estrangeira que estava de viagem. Ocupava o quarto lá em cima, sob a cornija.

Ana E como se chamava?

Leonor Não me lembro. Já faz mais de vinte anos, desde então. A mulher foi-se embora dum dia para o outro sem se despedir. Deve ter saído a correr, pois deixou objectos pessoais no quarto.

Luís E não pagou a renda.

Leonor Pagou, sim. Deixou-a num envelope.

Ana E os objectos pessoais?

Leonor A minha mãe guardou-os, esperando que a mulher voltasse algum dia para os recuperar.

Ana Mas não veio.

Leonor Pois não.

Ana E de onde era?

Leonor Não me lembro. Mas o que significa este interrogatório, Ana? O traje do Robert despertou memórias, isto é tudo.

Robert Allison Faça favor, Leonor! Esforce-se por lembrar. Ela veio de perto? De longe? Da Europa? Da América? Que aspecto tinha? Como falava?

Leonor Espere aí, Robert! A senhora devia ser inglesa. Sim, era da Inglaterra, pois falava com o mesmo sotaque que você, Robert.

Ana E onde estão os seus objectos agora?

Leonor Devem ainda estar lá no quarto. A mãe pô-los todos numa caixa. Porquê?

Ana Talvez esteja o seu nome nalgum lugar. Então o Robert podia averiguar a sua morada na Inglaterra para lhe devolver os objectos.

Luís Depois de tantos anos já não deve precisar deles.

Ana Ó pai, não podemos saber isto. Memórias podem remontar longe no tempo.

Robert Allison Se me permitirem vou buscar a caixa. Aproveitava para ver a casa por dentro, sempre o queria fazer.

Luís Despertou o interesse do arquitecto. És tu que tens as chaves, Leonor?

Leonor Tome. Esta maior é para a porta da casa, e esta pequena para a porta do quarto. A caixa deve estar em cima duma pilha de livros. Tenha cuidado. Veja onde mete os pés, não tropece nos livros.

Ana A mãe, sempre preocupada com os seus livros.

Luís Eu antes me preocuparia com os gatos que se instalaram lá em cima.

Robert Allison entra na casa da avó (sai)

Cena 16

Leonor É tão parecido com o nosso Damião!

Luís Os bons amigos acabam por se assemelhar.

Ana Ó pai, o Damião e o Robert conhecem-se apenas. Mas é verdade, os dois são parecidos. Até parecem confundir-se um com o outro. A gente projecta as nossas esperanças neles porque se embrulham com uma aura de segredo e de mistério. É pena que não mereçam a nossa confiança.

Luís Ana! Proíbo-te de falares assim do teu irmão. Ele merece todo o teu respeito.

Leonor E o Robert também. Ele adora-te, filha.

Entra André Telo à direita.

Luís Viva André!

André Telo Viva Luís! Então? O que se está a tramar nesta reunião de família?

Ana Falta o Damião para a reunião de família ser completa.

André Telo O vosso filho ainda não regressou?

Luís Voltará por estes dias.

Ana Há semanas que o pai diz isto. No entanto o Damião não dá sinais de vida. Não nos liga e não responde às nossas chamadas.

Luís Sim, quer fazer-nos uma surpresa.

Ana Não, pai. Acho que ele vai ficar a viver na Inglaterra e não se atreve a dizê-lo. Por isto não liga.

Luís Não digas disparates, Ana.

André Telo Não me leves a mal, Luís. Mas acho que a tua filha tem razão.

Luís Mas o que é que se passa? Quereis todos arruinar-me a festa? Também tu André?

Leonor Tem calma, Luís. A gente só pergunta.

Luís *(Para o André Telo)* Falando de ausências: por onde tens andado ultimamente, André? Já não te vemos na tertúlia do José.

André Telo Tinha mais que fazer das minhas noites do que jogar à sueca.

Luís Pois é claro!

André Telo Precisava de descansar. Transformar uma casa dá trabalho.

Leonor Ficou lindíssima. Deve estar contente com o fim das obras.

André Telo Estou, estou. Demoraram foi uma eternidade.

Luís E depois das obras, o repouso merecido. Como os navegadores dos Lusíadas na sua ilha dos amores.

Leonor Graças a Deus o nosso bairro vai-se reabilitando.

André Telo Devia era estar grato ao vosso filho adoptivo.

Leonor Ao Robert?

Luís Grato por quê?

André Telo Porquê? Perguntem a quem quiserem, ao José do café, à Fátima do cabeleireiro, ao Marco das ferragens. Todos lhes contarão a mesma história.

Leonor/Luís Qual história?

André Telo Que foi o Robert quem financiou a reabilitação da minha casa.

Ana Mas o Robert ainda não estava no Porto quando você começou as obras da casa, Senhor André.

André Telo Dizem que o Robert me ajudou a financiar a reabilitação desde o estrangeiro. Ao que parece para me agradecer ter-me ocupado dele quando ficou orfão. Pois a gente teima em pensar que o Robert é o filho pródigo dos falecidos Alves.

Luís Porque é que não explicas simplesmente às pessoas como financiaste as obras da tua casa na realidade, André?

André Telo Não acreditariam em mim.

Volta o Robert Allison com uma caixa na mão.

Cena 17

Ana Então? Encontraste a caixa?

Robert Allison tropeça e cai no chão.

Robert Allison Bolas, que se passou?

Ana Tropeçaste.

Leonor Ó Robert! Magoaste-te?

Robert Allison Não, está tudo bem. Mas em que é que tropecei?

Ana Num gato. Saiu contigo da casa e atravessou-se aos teus pés.

Robert Allison Não o vi.

Luís Já te disse para teres cuidado com os gatos.

André Telo Era um gato grande, cinzento com riscas pretas e com uma cauda comprida e fofa. Um gato muito bonito, com grandes olhos verdes e expressivos.

Luís Segundo a tua descrição deve tratar-se de uma gata. Até me dá a impressão de conhecê-la.

Robert Allison Não vi nenhum gato. Onde está?

Ana Desapareceu ali ao virar da esquina.

Leonor Partiu-se algo dentro da caixa. Ouvi o barulho de vidro.

Robert Allison Pois é. Deve ser o frasquinho de perfume da senhora, o cheiro já se está a espalhar.

Leonor Não te preocupes, Robert, já limpo a caixa. Vou preparar a comida. Vem para casa, Luís, deixemos os jovens sozinhos. *(Para o André Telo)* Também os que ainda o estão por dentro.

Leonor entra para casa com a caixa, seguida de Luís.

Cena 18

André Telo Obrigado, Leonor. *(Fica com os olhos fechados e assobia a melodia que usava para cantar os extractos dos Lusíadas no início do Acto I e no final do Acto II).*

Às tantas, Robert Allison aproxima-se de André Telo, que segue assobiando com os olhos fechados. Mexe a mão como para o acordar, mas pára o movimento no ar. Observa o velho mais algum tempo e afasta-se.

André Telo São horas para ir comer e a gente parar de se deixar levar por saudades. Bom dia, jovens.

Ana Bom dia, senhor André.

André Telo desce a rua e sai à esquerda.

Ana Foi essa a melodia do teu pai, não foi?

Robert Allison Foi. André Telo é o meu pai. O poema que costuma recitar deve ser a letra da canção, pois fala dos navegadores.

Ana É um indício. Mas não sei se prova que ele é o teu pai.

Robert Allison Estou seguro. Cheiraste o perfume que saiu do frasquinho partido na caixa? É o perfume da minha mãe. Lembro-me desse cheiro na minha infância. A senhora que alugava o quarto à tua avó, na altura, era a minha mãe. O perfume fez lembrar o namoro com ela ao André Telo e deu-lhe saudades. Por isso assobiou a melodia.

Ana Vais falar com ele?

Robert Allison Não. Vou voltar à Inglaterra quanto antes. Basta-me tê-lo visto e saber quem é.

Ana Não compreendo, depois de tanto esforço para o encontrar!

Robert Allison Vi que o meu pai é um velho feliz. André Telo tem a sua vida, tem a sua filha. Viveu toda a vida sem saber que também tem um filho. Para que lhe serve agora sabê-lo?

Ana Efectivamente, não sei. Mas se calhar dar-lhe-ia alegria sabê-lo. Gostava de ver a sua reacção.

Robert Allison Acho que na melhor das hipóteses reagirá com indiferença. Mas também poderia ficar constrangido e com a sensação de ter perdido algo importante na sua vida, no mesmo momento em que o ganhou. O meu pai tem a sua vida e as suas memórias. Basta-me tê-lo visto. Não quero roubar-lhe o passado.

Ana Percebo. No caso inverso, seria bom que os pais não roubassem o futuro aos filhos.

Robert Allison Como assim?

Ana Os meus pais tem o futuro todo pensado para nós, seus filhos. Sei que é por amor. Mas gostava que compreendessem que dar algo aos filhos, mesmo por amor, só faz sentido se estes o quiserem receber. O meu irmão procura trabalho no estrangeiro. Que o deixem fazer a sua vida! Eu quero tentar realizar o meu próprio projecto profissional na casa da avó. Que me apoiem como podem!

Robert Allison Não há pais perfeitos.

Ana Nem filhos. Queria pedir-te um favor, Robert.

Robert Allison Diz.

Ana Tenho um plano para desvendar os olhos aos meus pais e aos moradores do nosso bairro.

Robert Allison Espero que não os acordes bruscamente.

Ana Não! Farei intervir o teatro.

Robert Allison Como assim?! Sabes que eu também faço teatro. Não tens aí um papel para mim?

Ana Tenho, sim. Mas desta vez é detrás dos bastidores. Quero que te vás embora sem te despedir dos meus pais e que te esgueires do bairro sem ser visto pelos vizinhos.

Robert Allison Não posso fazer isto, Ana! Os teus pais trataram-me tão bem. Seria mal educado.

Ana Nesta altura, eles levam-te a mal se fores embora de qualquer forma.

Robert Allison Também é verdade.

Ana Então, aceitas?

Robert Allison Isso é tudo o que me pedes?

Ana Não. Também gostava de ficar com o vestido da tua mãe.

Robert Allison Está bem. A minha mãe queria de qualquer forma deitá-lo fora ou dá-lo para o teatro. Não preciso mais dele. E a tiara também, queres?

Ana Sim.

Robert Allison Então, fica com tudo.

Ana Obrigado, Robert. Entremos, a comida deve estar pronta.

Entram na casa da família.

Conclusão felina

O cenário é transformado de novo no espaço interior da casa, como se apresentava na introdução felina e no intermezzo felino. A Ana encontra-se no palco vestindo o vestido da mãe do Robert e com a tiara posta na cabeça. Ao redor dela no chão há várias máscaras e bonecos de gatos.

Cena 19

Ana (canta) Perdigão, que o pensamento
Subiu a um alto lugar
Perde a pena de voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha:
Não há mal que lhe não venha.

Entra o André Telo depressa.

André Telo Os dados estão lançados, Ana. Já vão vir!

Ana E vêm lá todos? Os meus pais também?

André Telo Os teus pais, a Maria da peixaria, a Fátima do Cabeleireiro, o Marco das ferragens... todos!

Ana Bem feito, Senhor André. Foi difícil?

André Telo Primeiro não acreditaram que tinha visto o Robert Allison. Duas semanas após a sua desapareção parece que a gente já perdeu as esperanças de voltar a ver o "rei do bairro". Mas quando disse que o tinha visto entrar na casa da tua avó, vestindo o seu maravilhoso traje académico, reuniram-se logo todos na vossa casa para subir até aqui. Não tardarão em chegar.

Ana Então, senhor André, está preparado? Lembra-se do seu papel?

André Telo Claro que sim. Tu pronuncias o discurso do Rei, e eu interrompo-te com exclamações e comentários dos deputados do Parlamento dos gatos.

Ana Exactamente. Como ensaiámos.

André Telo Nunca me diverti tanto como nestes últimos dias. Já me sinto crescer pêlo e rabo de tanto imitar os gatos.

Ana Oiça, estão a chegar! (põe a máscara de gata)

André Telo Muita M..., Ana (põe também uma máscara de gato)

Ana (chochichando) Para si também, senhor André!

Entram o Luís, a Leonor e a Maria, seguidos dos membros dos coros monarquistas e republicanos (estes últimos já sem os disfarces de gatos).

Cena 20

- André Telo Uma grande ovação por Sua Majestade, Dom Sebastião, El-Rei eterno do Quinto Império felino! (*aplaude*)
- Todos os presentes (*incorrem no aplauso*)
- Ana (*pedindo silêncio com um gesto da mão*) Gatas e gatos, sujeitos amados aqui reunidos, o vosso Senhor e Rei chegou com atraso à reunião desse Parlamento e pede desculpa por isso.
- André Telo (*Actuando com um boneco de gato*) Sua Majestade! Faça favor, uns minutos apenas! (*Com outro boneco*) Não tem importância, acabámos apenas de começar a reunião! (*Com o primeiro boneco*) Olhai, nós também viemos quase todos com atraso! (*Com o segundo boneco*) É normal, com o trânsito nas horas de ponta...
- Ana Pretextos! Para um jacto privativo e uma limusine escoltada não há trânsito nem horas de ponta. O vosso Rei chegou tarde por uma razão muito mais importante. Precisava de tempo para reflectir
- André Telo (*Actuando com um boneco de gato*) Bravo! (*Com outro*) Brilhante! (*Com o primeiro*) Silêncio! Deixem Sua Majestade continuar!
- Ana O vosso Rei reflectiu e chegou a uma conclusão e a uma decisão.
- André Telo (*Actuando com um boneco de gato*) Não se esperava menos de Sua Majestade! (*Com outro boneco*) Admirável!
- Ana Há séculos que o vosso Senhor e Rei governa os destinos do povo felino. Foi Ele quem, com a ajuda de vocês, sujeitos amados, tornou o pequeno reino felino no glorioso Quinto Império de numerosas casas degradadas e desmornadas, império tão poderoso que até chegou a dominar as vidas dos seres humanos.
- André Telo (*Actuando com um boneco de gato*) Viva o Quinto Império! Viva El-Rei (*Com outro boneco*) Eternamente, eternamente! (*Com outro boneco*) E a conclusão? E a decisão?
- Luís Silêncio!
- Ana Senhoras e senhores, os acontecimentos dos últimos tempos, aqui no Parlamento e no bairro dos humanos, fizeram-me pensar que não podemos continuar assim. É preciso uma mudança de regime.
- André Telo (*Actuando com um boneco de gato*) Ó Alteza! Estamos todos bem assim! (*Com outro boneco*) Não leve à sério o bichanar pela República. Ninguém a quer realmente. (*Com o primeiro boneco*) Estávamos apenas a fazer teatro.
- Ana Sim senhores! O vosso Rei decidiu devolver o direito à auto-determinação ao povo humano. Por isso, usará do seu direito constitucional para se demitir e abolir a Monarquia felina.
- André Telo (*Com um boneco de gato, após um silêncio*) Viva a República!

Ana Sim! Viva a República humana.

Todos os presentes *(Murmurinhos, alguns gritos "viva!")*

André Telo *(Com um boneco de gato)* O que é que vai ser de nós? E de Sua Majestade?

Ana Vocês habitarão os jardins e os telhados das casas para fazerem companhia aos seres humanos. Quanto a mim, deixo de ser Rei para viver como vocês. Escolhi uma cidade no estrangeiro para onde me retirar, aliás aquela onde fiz os meus estudos de História."

André Telo *(Com um boneco de gato)* De História? Não era Direito Comercial Internacional?

Ana Não. Mudei de curso para estudar História, porque no fundo, pertenço ao passado. E nunca tinha aptidão nem muita vontade para me intrometer, de maneira concreta, nos assuntos mundanos actuais. Obrigaram-me a isso na minha juventude, com as consequências que todos sabem.

Luís Damião, meu filho!

Leonor Luís!

Luís Não voltarás para casa?

Ana *(Tirando a máscara de gato)* Não pai. O Damião está à procura dum trabalho no estrangeiro, onde vai ficar a viver. Junto com o seu amigo Robert Allison.

Luís Estávamos enganados!

Maria Enganaram-nos!

Leonor Não, fomos nós que nos enganámos! Só pensávamos nas histórias das nossas próprias vidas e considerávamos as vidas dos nossos filhos como fazendo parte delas.

Maria Pois fazem.

Leonor Sim, mas não como você a pensa. As vidas das pessoas, também dentro duma família, são individuais, sobrepostas umas às outras. É preciso as pessoas poderem escolher livremente o seu caminho na vida para podermos avançar todos.

Maria Se cada qual fizesse na vida o que a liberdade lhe inspira, andaríamos às cegas sem saber para onde!

André Telo *(Tirando a sua máscara de gato)* E então? É preciso saber onde vamos? Claro que não! Olhem para essas casas desabitadas e arruinadas! O que queremos todos é que a vida volte a elas. Mas isso só pode acontecer se permitirmos que haja novas ideias que se realizem nelas, e se aceitarmos sacrificar algumas coisas que só amamos por nostalgia.

Damião *(Canta por detrás do palco)* Só!
 Ai do Lusíada, coitado,
 Que não ama, nem é amado,
 Lúgubre Outono, no mês de Abril!
 Que triste foi o seu fado!
 Antes fosse pra soldado,
 Antes fosse pró Brasil...¹⁷

Ana Ouçam!

Luís O qué?

Leonor Está alguém a cantar!

Damião *(Canta por detrás do palco)*
 Menino e moço, tive uma Torre de leite,
 Torre sem par!
 Oliveiras que davam azeite,
 Searas que davam linho de fiar,
 Moinhos de velas, como latinas,
 Que São Lourenço fazia andar...
 Formosas cabras, ainda pequeninas,
 E loiras vacas de maternas ancas
 Que me davam o leite de manhã,
 Lindo rebanho de ovelhas brancas;
 Meus bibes eram da sua lã.

Ana Ouçam!

Leonor Estamos todos a ouvir, filha.

Luís O poema é do Portuense António Nobre. Os estudos em Paris
 deram-lhe saudades do país.
 Menino e moço, tive uma Torre de leite,
 Torre sem par!
 Oliveiras que davam azeite...
 Um dia, os castelos caíram do Ar!

Ana Não é o canto.

Luís Silêncio!
 As oliveiras secaram,
 Morreram as vacas, perdi as ovelhas,
 Saíram-me os Ladrões, só me deixaram
 As velas do moinho... mas rotas e velhas!
 Que triste fado!
 Antes fosse aleijadinho,
 Antes doido, antes cego...

De repente, ouve-se o barulho de uma telha a cair.

¹⁷ António Nobre: Extractos do poema "Lusitânia no Bairro Latino", do livro "Só" (publicado em 1892).

Luís Que foi? Ouvistes?

Ana Já ouvi o barulho antes. É como se algo caísse e se partisse.

Uma telha cai no chão ao lado dos presentes.

Leonor A casa!

Luís Está-se a desmoronar!

Cai outra telha no chão.

Maria Salvemo-nos

Leonor Corram! Rápido!

Todos saem do palco correndo enquanto este é invadido por uma nuvem de pó. Vão caindo cada vez mais telhas e tijolos no chão.

Epílogo

Cena 21

Entra o Damião e erra entre os escombros da casa ruída.

Damião (Recita) Ó minha
Terra encantada, cheia de Sol,
Ó campanários, ó Luas Cheias,
Lavadeira que lavas o lençol,
Ermidas, sinos de aldeias,
Ó ceifeira que cegas cantando,
Ó moleiro das estradas,
Carros de bois, chiando...
Flores dos campos, beijos de fadas,
Poentes de Julho, poentes minerais,
Ó choupos, ó luar, ó regas de Verão!
Que é feito de vocês? Onde estais, onde estais?

Entra o Luís trazendo a capa com o capuz posto na cabeça, como o André Telo na cena 1.

Luís Está à procura de alguém?

Damião Tenho que falar consigo. Isto não pode ficar assim!

Luís Tenha calma, jovem. O que é que não pode ficar assim?

Damião O final. Onde está a minha família?

Luís Debaixo dos escombros da casa ruída.

Damião Debaixo dos escombros?

Luís Bem debaixo.

Damião Mortos!?

Luís Mortos.

Damião Todos!?

Luís Todos mortos, sim.

Damião Não pode ser! Isto não pode ser o final!

Luís Sinto-o, meu senhor. Mas as regras da tradição exigem-no.

Damião Quais regras?

Luís As regras da tragédia. Foram estabelecidas há mais de dois mil anos, na Grécia Antiga. Numa tragédia, as personagens devem estar felizes no início da peça e infelizes no final. Ou melhor ainda: mortos. Numa comédia é o contrário.

Damião Mas nós estamos numa comédia! (*Para o público*) Não acham? No papel de Robert Allison, cheguei triste ao Porto à procura do meu pai, e parti no final feliz por o ter encontrado.

Luís Mas o pai de Damião perdeu o seu filho na intriga.

Damião *(Para o Luís)* Perdeu as ilusões. O filho continua a viver feliz no estrangeiro.

Luís Para os pais é como se estivesse morto.

Damião Por favor, não! Pelo contrário. *(Para o público)* Os pais deviam estar felizes pelo filho. Ele escolheu o seu caminho, está independente, está feliz. *(Para o Luís)* Isto não pode ficar assim! Deixa-me falar com o autor da peça, por favor.

Luís Com qual dos autores?

Damião É que há vários?

Luís Há a autora da peça dos gatos, que é a sua irmã, a Ana. Apresentou as cenas dos gatos na casa da avó aquando do domínio do falso rei do bairro. E há o autor do espectáculo que acabamos de ver esta noite, em que se conta a história toda.

Damião Quero falar com este último. Quem é? Onde está?

Luís *(Tirando o capuz)* Está a falar contigo!

Damião Pai!

Luís Meu filho.

Damião Então você não morreu?

Luís Não. Antes pelo contrário: sinto-me mais vivo que nunca.

Damião E a mãe? E a Ana?

Luís Estão a mudar de roupa em casa. Renovámo-la, já viste?

Damião Ficou muito bonita.

Luís Há cinco anos a tua irmã instalou uma livraria para crianças no rés-do-chão. Está-lhe a correr bem.

Damião E nos outros pisos?

Luís Como ficaste a viver no estrangeiro, pensávamos já não precisar do espaço para a tua morada e instalámos suites para alugar a estudantes. Não nos levas a mal, pois não?

Damião Ó pai! Levar a mal, o quê?

Luís De não ter previsto um apartamento para ti na casa.

Damião Claro que não! Tinham toda a razão em não o fazer. Espero que vocês não me levem a mal a minha ausência. Tinha que fazer o meu caminho.

Luís Entremos em casa filho, já deve estar tudo pronto para a festa.

Damião A festa? O que festejamos?

Luís Muitas coisas: o êxito da estreia da nossa peça de teatro - (*para o público*) Espero que tenham gostado, obrigado por terem vindo! - A renovação da casa da avó e sobretudo: o reencontro da família e o amor incondicional da vida!

Damião O amor incondicional da vida? O que é isso, pai?

Luís Foram vocês, filhos, que nos ensinaram. O amor incondicional da vida é isto: inspirar-se no passado sem o apropriar e sonhar o futuro sem o fixar.

Entram em casa da família

FIM DA PEÇA.